DOI: https://doi.org//10.21747/16466195/ling2022v2a13

Nomes simples sujeitos pré-verbais[1]

Nuno Verdial Soares
vsnuno@gmail.com
Agrupamento de Escolas Gil Vicente, Lisboa (Portugal)

ABSTRACT.

Research on Bare Noun Phrases (BNs) is focused on English and have Carlson (1977) as its origin: the readings (generic or existential) of these nouns depend on the type of predicate they occur with (Kind-, Individual- or Stage-level).

Most authors use the Determiner Phrase, including number information, as the key to the readings BNs may get. The D position contains non-checked features which, in European Portuguese (EP), are not checked by Noun-raising to D.

According to Oliveira & Cunha (2003), Kind nouns in EP crucially depend on the presence of a definite determiner. Thus, BNs are not Kind Nouns and can never be assigned generic readings.

Pre-verbal Subject BNs, though, may occur in EP with Kind- and Individual-level predicates and characterizing sentences – as categorical judgements – getting a non-existential reading by being marked topics. But they also occur, getting an existential reading, in sentences where they are discourse sub-topics in descriptive contexts, like 'scripts', in Fillmore's (1985) sense.

The survival of BNs in the pre-verbal position depends on the combination with both *Aktionsart* values and types of predicates with which they occur. The [+habitual] feature determines the possibility of movement of the subject BN to a pre-verbal (Spec, TP or, as I suggest, TopP) position. This position is non-argumental and thus escapes the government or asymmetric c-command by a verb or a preposition constraint, allowing for a non-existential reading of the noun. The non-checked features in the empty D position are legitimated by a feature in TopP, namely the 'aboutness' feature (Reinhart 1981). They are a part of 'common ground management' (Bianchi & Frascarelli 2010). They are 'aboutness topics' or 'contrast topics' (Büring 1999), and they occur in root-sentences or epistemic subordinates.

The availability of a non-existential reading of pre-verbal Subject BNs of activity predicates also depends on a parallelism effect: BNs as Objects facilitate a non-existential reading of a Subject BN when occurring with a [+habitual] feature predicate. The topicalization construction, as described by Duarte (1987, 1996), corresponds to the syntactic behavior of BNs in pre-verbal position getting a non-existential reading.

In descriptive contexts, BNs occur as sub-topics of a 'script' (Fillmore 1985), i.e., they are information resulting from a stereotype situation. According to Abbot *et al*. (1985), 'scripts' are structured in a hierarchy. Lower levels are in a partonomy relation with higher levels.

1 Este artigo é uma síntese da minha tese de doutoramento apresentada em 2018 à Universidade de Lisboa, orientada pelas Professoras Doutoras Inês Duarte e Fátima Oliveira.

Thus, an explicit or implicit situation allows for the inclusion of low-level explicit information which may not be inferred. They get existential readings and are reconstructed in a post-verbal position. The sentences are thetic judgements. The pre-verbal position makes them prominent and their position in Spec, TP is allowed by an accumulation of events or states or by a logical connection in which there is no lexical connector. The paratactic connection follows from the meaning hierarchic created by the 'script'. In these cases, when BNs co-occur with the Indicative Present, it does not have a [+gnomic]/ [+habitual] feature.

KEYWORDS.
Count; definite; empty determiner; genericity; left periphery; specificity.

RESUMO.
Os estudos sobre sintagmas nominais simples (NS) partem da relação estabelecida por Carlson (1977) entre as suas leituras (genérica ou existencial) e os tipos de predicado (espécie, indivíduo ou estádio) com que ocorrem em inglês.

Há quase um consenso sobre o facto de os NS projetarem SDET e a posição D vazia ser a chave para as leituras obtidas. Considera-se aqui também uma projeção de número no interior do SDET para a qual o nome se move para verificar traços como [contável] e [plural]. A posição D contém traços que, em português europeu (PE), não são verificados por subida do nome.

Segundo Oliveira & Cunha (2003), os nomes de espécie em PE dependem crucialmente da presença de um determinante definido. Os NS não são nomes de espécie e não podem ter leituras genéricas.

Assim, os NS sujeitos pré-verbais em PE ocorrem como tópicos marcados, em frases que constituem juízos categóricos, com leituras não existenciais, com predicados de espécie ou de indivíduo ou em frases caracterizadoras. Ocorrem com leituras existenciais, em frases que constituem subtópicos discursivos em descrições, como *scripts* (Fillmore 1985).

A sobrevivência dos NS em posição pré-verbal depende da sua combinação com os tipos de predicado e também com os valores de *Aktionsart*, em que o traço [+habitual] determina a subida do sujeito para uma posição pré-verbal (Espec, ST ou STop). A posição na periferia esquerda da frase (não argumental, que foge à restrição de comando-c assimétrico pelo verbo ou pela preposição) permite uma leitura não existencial e os traços não verificados em D vazio são legitimados por um traço dessa posição, nomeadamente, por [acerca de / quanto a], (Reinhart 1981).

Os NS e os contextos em que ocorrem podem fazer parte da gestão do campo comum aos participantes (Bianchi & Frascarelli 2010). São tópicos 'acerca de' (em inglês, *aboutness topics*) ou tópicos contrastivos (Büring 1999), e ocorrem fundamentalmente em frases matriz ou subordinadas epistémicas.

A sua leitura não existencial com predicados de atividade depende também de um efeito de paralelismo: NS objeto facilitam a leitura não existencial dos NS sujeito com predicados com valor [+ habitual]. A construção de Topicalização (Duarte 1987, 1996) acomoda a descrição sintática do comportamento dos NS com leitura não existencial.

Em descrições, os NS ocorrem como subtópicos de um *script* (Fillmore 1985): são informações decorrentes de uma situação estereotipada. Os *scripts* organizam-se numa hierarquia em que os níveis mais baixos têm uma relação de partonímia com os níveis mais

altos (Abbot *et al*. 1985). Os NS são lidos como existenciais, reconstruídos numa posição pós-verbal e são juízos téticos. A posição pré-verbal confere-lhes proeminência e a sua posição em Espec, ST decorre de uma acumulação de eventos ou estados ou de uma conexão lógica em que o conector é nulo, sendo a relação (paratática) com o contexto sintático decorrente da hierarquia do *script*. Quando os NS coocorrem com o Presente do indicativo, este nunca tem um traço [+gnómico]/ [+habitual].

PALAVRAS-CHAVE.
Contável; definitude; determinante vazio; especificidade; genericidade; periferia esquerda.

1. Os nomes simples na literatura

A questão dos nomes simples no plural (em inglês, *Bare Nouns*)[2] em posição de sujeito foi tratada pela primeira vez, para o inglês, por Carlson (1977). Sustentava-se que as leituras genérica ou existencial destes Sujeitos dependem dos predicados com que ocorrem. Assim, com predicados de espécie (*kind-level predicates*) e de indivíduo (*individual-level predicates*)[3] os nomes simples (NS) obtêm uma leitura genérica, enquanto com predicados de estádio (*stage-level predicates*) a sua leitura é existencial.

A análise tradicional para as línguas românicas (Contreras 1986, Longobardi 1994 e Delfitto 2002) postula a exigência de um mecanismo de c-comando lexical assimétrico (por verbo ou preposição) para a legitimação da ocorrência destes nomes. A existência desse mecanismo permite, nestas línguas, a sobrevivência dos NS no plural enquanto sujeitos apenas em posição pós-verbal, ou seja, numa configuração protegida, tal como acontece com as posições de objeto, sendo a sua leitura sempre existencial.

Para Delfitto (2002), a leitura genérica dos NS sujeito em inglês escapa a esse mecanismo, e a leitura existencial pressupõe uma reconstrução no interior do sintagma verbal (SV) (qualquer que seja a configuração proposta para esta estrutura).

A estrutura interna do sintagma nominal é considerada fundamental nas propostas de Longobardi (1994) e de Delfitto (2002), assim como a (im)possibilidade de subida do núcleo do sintagma nominal para uma

2 Em Raposo & Miguel (2013), *Sintagmas Nominais Reduzidos*.

3 Em rigor, segundo o autor, a sua leitura com predicados de Indivíduo pode ser ambígua.

projeção superior. Com efeito, uma das questões de partida para a análise comparada dos NS em inglês e nas línguas românicas tem de considerar se os NS são sintagmas de determinante[4] (SDET) e se a posição D é relevante para a análise, ou se são apenas sintagmas nominais (SN)[5], *i.e.*, SDET não é projetado, em que os nomes denotam propriedades e não são, portanto, argumentos[6].

A existência de D como o local onde se verificam traços como [+definido], [+pessoa] ou [+genérico] permite então que, em línguas como o inglês, em que se pode verificar uma subida do nome (dependendo das propriedades aspetuais do predicado), os NS sujeitos possam ter uma leitura genérica, ao contrário de línguas como o espanhol e o italiano, que só licenciam NS sob o mecanismo de c-comando assimétrico e não permitem o movimento do nome para essa posição.

Considerando que a estrutura do SDET (ou do SN) inclui também um sintagma de número (SNum)[7], que codifica traços de pluralidade sintática (o plural semântico pode ser entendido de outra forma[8]), parece ainda fundamental verificar se essa posição é também relevante para a descrição dos NS, como alvo do movimento do nome para verificação de traços como [+indefinido] ou [±contável][9].

Os valores e a natureza aspetual dos predicados que condicionam as ocorrências e as leituras dos NS em posição de sujeito pré-verbal são um fator determinante para a sua sobrevivência. Para além dos tipos de predicado propostos por Carlson (1977), são de considerar análises mais finas como as de diferenciação entre os conceitos de 'faseável' e 'não faseável', distinguindo entre predicados de indivíduo e entre predicados de estádio propostos por Cunha (1998, 2004).

Apesar de os estudos sobre diferentes tipos de genericidade em PE, nomeadamente de Oliveira & Cunha (2003), excluírem a possibilidade de atribuir uma leitura genérica aos NS, Lopes (1992) considera a possibilidade de leituras prototípicas em enunciados de tipo proverbial, como (1),

4 Segundo a estrutura DP proposta por Abney (1987): $_{SDET}$[D [$_{SN}$[N]]].
5 Por exemplo, Chierchia (1998) propõe a não projeção de D por razões de economia.
6 Szabolcsi (1987) e Stowell (1989) defendem que só os SDET, e não os SN, podem ser argumentos.
7 Ritter (1991); para o PE, veja-se, por exemplo, Brito (2003).
8 Veja-se Krifka (2003).
9 Veja-se Crisma (1999) para uma discussão destes traços nas línguas germânicas.

sobretudo com NS modificados no singular, o que sugere que determinados contextos discursivos podem favorecer uma leitura não existencial de um constituinte desta natureza:

(1) **Ladrão que rouba a ladrão** tem cem anos de perdão.

2. Os dados do português europeu

Como descrito na literatura, o PE comporta-se como a generalidade das línguas românicas:

1. Os NS são somas de indivíduos que nunca têm leituras específicas;
2. Os NS são sintagmas de determinante (SDET), mas o nome (N) nunca sobe para a posição de determinante (D) e não verifica os traços de [pessoa]/[referência]/[genericidade];
3. Com predicados que permitem um quantificador não seletivo (*overt* ou *covert*), este pode aparentemente ligar a variável de um NS modificado. A leitura obtida é a de quantificação sobre eventos e não sobre indivíduos (ou somas de indivíduos).
4. A natureza dos predicados com que ocorrem os NS sujeitos pré-verbais permite-lhes um comportamento semelhante ao de SDET plenos, desde que a posição D seja licenciada por modificadores, embora não generalizadamente.
5. O quantificador não seletivo está presente (segundo Delfitto 2002) com certos predicados de indivíduo faseáveis (Cunha 2004).

Porém, embora o PE não permita generalizadamente a ocorrência de NS em posição de sujeito pré-verbal, é possível aceitar enunciados com estas características com predicados de espécie (2), predicados de indivíduo não faseáveis (3) e faseáveis (4), e em frases caracterizadoras (5):

(2) **Dinossauros** estão em vias de extinção.
(3) **Corvos** são pretos.
(4) **Cães** são inteligentes.
(5) **Antúrios** crescem em todo o lado.

A aceitação de frases como estas não é unânime entre os falantes de PE. Para determinar o grau de aceitabilidade, mas também as suas leituras preferenciais e a importância do contexto discursivo, três testes experimentais foram realizados:

Teste 1 – Juízos de gramaticalidade: teste composto por 16 frases com NS sujeitos pré-verbais ordenadas ao acaso juntamente com outras 10 distratoras (gramaticais e agramaticais). As frases cruzam, tanto quanto possível, tipos de predicados e tipos de verbos. O objetivo é determinar o grau de aceitabilidade destes NS.

Teste 2 – Leituras (apenas as frases com NS): o objetivo desta experiência é confirmar se as frases com NS sujeitos pré-verbais são mesmo aceitáveis e, sendo-o, com que leitura preferencial - genérica ou existencial.

Teste 3 – Contextos alargados: o objetivo é verificar se, incluídas em contextos mais alargados, as frases com NS como sujeitos pré-verbais são mais aceitáveis e, se sim, com que leituras.

Para descartar a hipótese de haver variação de juízos de aceitabilidade entre falantes de faixas etárias acima dos 40 anos e abaixo dos 25 anos, aplicaram-se os testes a dois grupos, num total de 60 falantes nativos:

• Grupo 1: professores do Ensino Básico e Secundário de todas as disciplinas (exceto Línguas Estrangeiras e Português, para afastar a hipótese de haver juízos baseados em análises mais normativas da língua), da Escola Básica e Secundária Gil Vicente;

• Grupo 2: estudantes de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Os resultados descartaram quer variações consideráveis entre os dois grupos, quer a possível relevância dos tipos de verbos (transitivos, inacusativas e inergativos). Em frases com predicados de espécie, de indivíduo e em frases caracterizadoras, existe uma tendência assinalável (nalguns casos, acima de 90%) para atribuir uma leitura não existencial ao NS[10].

A coocorrência de NS como sujeitos pré-verbais com predicados de estádio estativos (especialmente locativos), como em (6), é tendencialmente julgada como agramatical (49%).

(6) *Cães estão no jardim.

10 Note-se que, em todas as frases, o tempo verbal utilizado foi o Presente do Indicativo.

3. Condições de sobrevivência dos NS em posição de sujeito pré-verbal

A aparente semelhança de comportamento entre o inglês e o PE (a ocorrência generalizada de NS em posição de sujeito pré-verbal) não se verifica. Os NS em português europeu não coocorrem como sujeitos pré-verbais com todos os tipos de predicado e as suas leituras aparentemente genéricas são limitadas a contextos específicos.

Como referido na secção anterior, a coocorrência de NS em posição de sujeito pré-verbal com predicados estativos locativos é totalmente agramatical em português (cf. (6), repetido em (8)), ao contrário do que acontece em inglês:

(7) **Dogs** are in the garden. (leitura existencial)
(8) *__Cães__ estão no jardim.

A leitura genérica só é possível com um SDET pleno ((9) e (10)). Um nome simples tem aparentemente uma leitura próxima da de um SN indefinido (11), denotando conjuntos (de subespécies) (12):

(9) As baleias estão em vias de extinção.
(10) A baleia está em vias de extinção.
(11) Uma baleia está em vias de extinção.
(12) **Baleias** estão em vias de extinção.

Assim, as leituras atribuídas aos NS em enunciados como (13) e (14) devem explicar-se de forma diferente:

(13) **Pombos** comem milho. (leitura não existencial)
(14) A praça está tranquila: dois homens jogam às cartas, **pombos** comem o milho (que as crianças lhes atiram), **famílias** apanham sol. (leitura existencial)

A sobrevivência dos NS deve, então, obedecer às seguintes condições:

(A) Os NS não modificados ocorrem como sujeitos pré-verbais, na configuração sintática adequada, em função dos traços aspetuais do verbo,

para servir propósitos discursivos.

(B) Os NS são licenciados sintaticamente por c-comando de uma categoria lexical/funcional ou por movimento para uma posição não argumental, nomeadamente para uma posição em Sintagma de Tópico (STop).

4. NS como tópicos marcados e leitura não existencial

Os NS não modificados podem ocorrer em posição de sujeito pré-verbal se subirem para uma posição em STop, onde o seu traço [-específico] é verificado contra um traço [acerca de] ou [contraste] (Reinhart 1981; Büring 1999).

Estes contextos implicam sempre que há informação prévia partilhada entre os participantes de um *Common Ground Management* (Bianchi & Frascarelli 2010) e, preferencialmente, implicam um contraste.

Os NS sobem para STop na construção de Topicalização (como descrita em Duarte 1987, 1996).

Nestes casos, o predicado tem obrigatoriamente um traço [+habitual] / [+gnómico] e o tempo verbal preferido é o Presente do Indicativo:

(15) **Dinossauros**$_i$, [-$_i$] estão extintos (, mamíferos não).
(16) **Gatos**$_i$, [-$_i$] são inteligentes (, galinhas não).
(17) **Cães**$_i$, [-$_i$] comem carne (, ovelhas não).

É o carácter não específico dos NS que lhes permite transmitir uma referência vaga e uma leitura não existencial.

5. NS c-comandados, tópicos discursivos e leitura existencial

Se o predicado tiver um traço [-habitual] / [-gnómico], como *estender* em (18), os NS sujeitos não modificados, como *planícies*, podem subir para ST se estiver presente uma projeção C (Complementador) (*overt* ou *covert*) que licencie o D vazio:

(18) O Alentejo é uma região onde **planícies** se estendem a perder de vista.

Os NS também podem obter um estatuto saliente como elementos de uma descrição de cuja interpretação não podem ser separados, como *cadeiras*, em (19):

(19) Tudo estava calmo. [$_{SComp}$ [$_{C}$ [-] $_{subespecificado}$] [De repente, **cadeiras** voaram pela sala. O truque era fabuloso]].

As situações descritivas são compatíveis com todos os predicados em sequências (ou seja, são instâncias de um tópico discursivo superior como num *script*, no sentido de Abbot *et al*. 1985, ou numa *frame representation*, no sentido de Fillmore 1985).

O Presente do Indicativo tem nestes casos um valor não genérico, como mostra a leitura de *répteis*, *mamíferos* e *pássaros*, em (20):

(20) Tudo está aparentemente pacífico. Um meteoro choca com a Terra. (De repente,) **Répteis** estão extintos, **mamíferos** estão extintos, **pássaros** estão extintos, todos os animais estão extintos.

As sequências paratáticas de (20) parecem comportar-se como frases coordenadas ou subordinadas adverbiais, que podem implicar interpretações de consequência (se X e Y, então Z), e parece haver um SConj (sintagma de conjunção) /ou SComp (sintagma de complementador) elidido que licencia o NS.

6. Sobrevivência dos NS

6.1. A natureza dos NS

Os NS têm sempre os mesmos traços e as suas leituras são atribuídas pelo contexto sintático-semântico em que ocorrem. Além disso, são sempre não específicos independentemente da sua distribuição e não se referem a

um conjunto preciso.

Quando são modificados, os NS têm uma interpretação de subespécie, tal como os SDET indefinidos singulares, como em (21). O traço [-específico] permite manter a sua subespecificação em contextos discursivos, como em (22).

(21) **Vacas que pastem nos campos todo o ano** são mais saudáveis.
(22) Os animais estavam descontrolados: **cães** ladravam e ganiam, **gatos** miavam, **periquitos em bandos** faziam um barulho ensurdecedor.

Quando são c-comandados por um verbo ou por uma preposição, são sempre gramaticais em português e têm escopo estreito, como (23) ilustra.

(23) Os leões alimentam-se de **gazelas**.

6.1.1. Os nomes simples são SDET e projetam um sintagma de número

Contrariamente aos NS no singular, que são protótipos e ocorrem preferencialmente em contextos proverbiais, os NS no plural referem-se a pluralidades e dependem de número (que projeta em Sintagma de Número – SNum). Um NS no singular não pode, por exemplo, ocorrer com predicados de espécie:

(24) *__Baleia__ está extinta.

A necessidade de projetar SDET é motivada pelo contraste com o comportamento típico dos SDET definidos. Assim, é necessário projetar SNum para assegurar a leitura de conjunto não específico e a marca de plural e é necessário projetar um D cujos traços – [definitude], [referência] ou [genericidade] – só podem ser verificados em PE por um determinante lexical. A sua não verificação impede qualquer leitura genérica ou de espécie associada à ocorrência dos NS.

Assim, prediz-se que os NS nunca sobem para D e mantêm os seus traços não específicos, na configuração:

(25) $[_{SDET}\ D_{[+pessoa,\ +definido,\ +genérico]}\ [_{SNum}\ Num\ N_{i[\pm contável,\ +indefinido]}\ [_{NP}\ [N_i\ [\ldots$
(adaptada de Crisma 1999)

Se apenas SDET plenos são argumentos, como consideram Szabolcsi (1987) e Stowell (1989), então os NS não são nem sujeitos nem objetos e a assimetria entre sujeito e objeto não pode decorrer da atribuição de diferentes estruturas ao SDET consoante a sua distribuição.

A não projeção de D por princípios de economia (Chierchia 1998) também não explica nem a distribuição nem as leituras dos NS. Efetivamente, contrariamente aos SDET/SN predicados, os NS podem ser recuperados por uma anáfora pronominal com os mesmos traços morfológicos, como *os* (correferente de *livros científicos*), em (26), mas não *as* (anáfora de *professoras*) em (27):

(26) **Livros científicos** têm muitas informações, portanto a Maria compra-os todas as semanas.
(27) *A Maria e a Ana são **professoras** e são-nas há muito tempo.

Consequentemente, os NS denotam referentes (mesmo de forma vaga) e não denotam propriedades.

6.2. As condições de licenciamento dos NS

Em frases sem contexto, em PE, os NS comportam-se aparentemente como os NS em italiano ou espanhol, exceto no caso dos objetos de verbos estativos disposicionais (cf. Oliveira 1998):

(28) O João detesta (#as) **laranjas**.
(29) Juan detesta (las) ***naranjas**.
(30) Gianni detesta (le) ***arance**.

Assim, segundo Contreras (1986), o D vazio deve ser licenciado por um mecanismo de c-comando de verbo ou de preposição.

Acrescente-se que a modificação por uma frase relativa com predicados de indivíduo (Delfitto 2002) faseáveis aumenta a aceitabilidade de sujeitos pré-verbais, como (32) ilustra:

(31) ??**Cientistas** são inteligentes.
(32) **Cientistas que estudem a relação da teoria da relatividade com a expansão do universo** são muito inteligentes.

A modificação aumenta a aceitabilidade dos NS sujeitos pré-verbais, mas esta é uma afirmação demasiado lata.

No caso da ocorrência com predicados de indivíduo faseáveis, as relativas restritivas parecem tornar completamente aceitável a presença de um NS sujeito pré-verbal. As frases relativas também aumentam a aceitabilidade dos NS com outros tipos de predicados, nomeadamente os de espécie:

(33) **Baleias que possuam barbas** estão em vias de extinção.

As frases relativas (como *que possuem barbas*, em (33) acima), os sintagmas preposicionais (*com cauda de leque*, em (34)) e alguns adjetivos (*dedicados*, em (35)) atribuem ao NS uma interpretação de subespécie, o que aparentemente permite a sua sobrevivência. Esta constatação corrobora assim a impossibilidade de uma leitura genérica[11]:

(34) **Pombos com cauda de leque** são mais bonitos que os outros.
(35) **Pacifistas dedicados** estão em vias de extinção.

As condições sintáticas e semânticas que permitem o licenciamento dos NS são sempre as mesmas: os NS com leitura existencial são licenciados

(A) ou sob c-comando de uma categoria lexical [-N] ou funcional;
(B) ou se fizerem parte de um tópico discursivo.

Com leitura não existencial, os NS (modificados ou não) escapam ao requisito de c-comando em contextos gnómicos, subindo para uma posição em STop.

6.3. Tipos de predicado e *Aktionsart*

Os NS sujeitos pré-verbais têm leitura existencial quando ocorrem com

11 Para uma discussão dos modificadores de nomes simples no singular, veja-se Lopes (1992).

predicados com traços transitórios, como [pontual], [eventivo] ou [-habitual]. Para efeitos de interpretação são muito provavelmente reconstruídos dentro do SV e constituem juízos téticos.

Com predicados com traços como [gnómico] e [+habitual], obtêm uma leitura não existencial, formando juízos categóricos[12].

Os tipos de predicado são afetados pelos valores da *Aktionsart*, da modalidade e do tempo. Uma vez que os NS em PE não são nomes de espécie, tal como demonstram Oliveira & Cunha (2003), a leitura não existencial depende crucialmente dos traços dos predicados.

De notar que os predicados de atividade no Presente do Indicativo exibem um efeito de paralelismo. O NS objeto força uma leitura gnómica do predicado e permite uma leitura não existencial do NS sujeito.

Um SDET pleno objeto favorece uma leitura episódica do Presente do Indicativo, criando um contexto de informação inserida numa hierarquia discursiva:

(36) **Cães** roem os ossos. (leitura existencial)
(37) **Cães** roem ossos. (leitura não existencial)

Os requisitos sintáticos e semânticos têm, portanto, de ser sempre cumpridos, mas o contexto discursivo é crucial.

A leitura não existencial é obtida através da subida para a periferia esquerda da frase, onde a sintaxe codifica efeitos discursivos e o NS escapa ao requisito de c-comando. Apenas o traço [gnómico]/[habitual] do predicado permite essa possibilidade.

A periferia esquerda, nomeadamente SComp, também é crucial para contextos de subordinação, em que o requisito de c-comando pode ou não ser ativado de acordo com o tipo de configuração. Veja-se, por exemplo, o contraste entre um contexto de subordinada adverbial (38) e um contexto de complemento de verbo epistémico, analisado como dois atos distintos (39) e escapando ao requisito de c-comando:

12 Para uma diferença entre juízos téticos e categóricos e as posições de sujeito e de tópico, veja-se Duarte (1987) e Costa & Duarte (2002).

(38) Os aldeões armaram-se para se defenderem do bicho, embora **lobisomens** só existam mesmo em lendas.
(leitura existencial)

(39) Os aldeões acham que **lobisomens** matam crianças indefesas.
(leitura não existencial)

As posições c-comandadas desencadeiam leituras existenciais relacionadas com traços eventivos ou não habituais do predicado. Note-se ainda a possibilidade de sobrevivência de um NS no escopo de um advérbio de foco como *só*:

(40) Só **ignorantes** acreditam nesse populista.

6.4. Propriedades do discurso

Com leitura não existencial, os NS fazem parte do *Common Ground Management* e são entendidos pelos participantes como 'Questões em Discussão' (*Questions under discussion*, cf. Büring 2003). Os NS têm assim, frequentemente, leituras contrastivas:

(41) **Gatos** miam, **cães** ladram.
(42) **Portugueses** comem bacalhau curado, **noruegueses**, não.

As leituras existenciais dos NS ocorrem preferencialmente em contextos descritivos, que são paratáticos. Ou seja, são estabelecidas relações (algumas conexões lógicas, possivelmente através de conjunções lexicais inferidas) entre sequências de eventualidades. Estas sequências implicam a existência de uma hierarquia de informação armazenada como *frame representations* ou *scripts*.

Embora proeminentes, estes NS não são informação dada, fazendo parte de um tópico discursivo maior. O valor de verdade da proposição é verificado em relação ao tópico discursivo de que o SN é um merónimo ou ao conhecimento do mundo do leitor/ouvinte.

Neste sentido, são especificações, mas também acumulações que, de

certo modo, correspondem a operações de quantificação que parecem legitimar estas ocorrências, como aliás as de NS em posição de tópico, associadas a uma quantificação vaga e não a um valor genérico.

7. Conclusão

A ocorrência de nomes simples no plural em português europeu necessita da conjugação de condições sintáticas, semânticas e discursivas específicas em qualquer contexto.

Os nomes simples no plural possuem um traço [-específico] e podem ocorrer em frases raiz em posições protegidas (c-comandados assimetricamente) por um verbo ou uma preposição, com uma leitura existencial. Também ocorrem em contextos de subordinação adverbial com a mesma leitura. Quando são subtópicos de um tópico mais vasto e coocorrem com o Presente do Indicativo, forçam uma leitura não habitual do predicado e obtêm uma leitura existencial.

A ocorrência com predicados com valor habitual permite-lhes uma subida para uma posição na periferia esquerda da frase, onde o traço [-específico] é verificado contra um traço [acerca de] ou [contraste], num contexto de *Gestão do Campo Comum*. A sua leitura depende crucialmente da leitura do predicado e é tendencialmente não existencial.

REFERÊNCIAS

Abbot, V., Black, J. B., & Smith, E. E. (1985). The Representation of Scripts in Memory. *Journal of Memory and Language*, *24*(2), 179-199.

Abney, S. (1987). *The English noun phrase in its sentential aspect* [Tese de Doutoramento]. Massachusetts Institute of Technology.

Bianchi, V., & M. Frascarelli (2010). Is Topic a root phenomenon? *Iberia: An international Journal of Theoretical Linguistics, 2*(1), 43-88

Brito, A. M. (2003). Categorias Sintácticas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva (Eds.), *Gramática da*

Língua Portuguesa (pp. 323-422). Caminho.

Büring, D. (1999). Topic. In P. Bosch, & R. van der Sandt (Eds.), *Focus: Linguistic, Cognitive, and Computational Perspectives* (pp. 142-165). Cambridge University Press.

Büring, D. (2003). On D-trees, Beans and B-Accents. *Linguistic and Philosophy, 26*(5), 511-545.

Carlson, G. (1977). A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and Philosophy*, *1*(3), 413-457.

Chierchia, G. (1998). Reference to Kinds Across Languages. *Natural Language Semantics, 6*(4), 339-405.

Contreras, H. (1986). Spanish bare NPs and the ECP. In I. Bordelois, H. Contreras, & K. Zagona (Eds.), *Generative studies in Spanish syntax* (pp. 25-49). Foris.

Costa, J., & I. Duarte (2002). Preverbal Subjets in null Subject Languages are not necessarily dislocated. *Journal of Portuguese Linguistics, 1*(2), 159-175.

Crisma, P. (1999). Nominals without article in Germanic languages. *Revista di Grammatica Generativa, 24*, 105-125.

Cunha, L. F. (1998). Breve análise semântica do progressivo. *Cadernos de Linguística, 4*.

Cunha, L. F. (2004). *Semântica das Predicações Estativas: Para uma Caracterização Aspectual dos Estados*. [Tese de Doutoramento]. Universidade do Porto.

Delfitto, D. (2002). *Genericity in language: Issues of syntax, logical form and interpretation*. Edizioni Dell'Orso.

Duarte, I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.

Duarte, I. (1996). A Topicalização em Português Europeu: uma análise contrativa. In I. Duarte, & I. Leiria (Eds.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português* (Vol. 1, pp. 327-360). Colibri.

Fillmore, C. J. (1985). Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica, 6*(2), 222-254.

Krifka, M. (2003). Bare NPs: Kind-referring, Indefinites, Both, or Neither?. In R. B. Young, & Y. Zhou (Eds.), *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory, SALT XIII* (pp. 180-203). Cornell University.

Longobardi, G. (1994). Reference and Proper Names. A theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. *Linguistic Inquiry*, *25*(4), 609-665.

Lopes, A. C. M. (1992). *Texto proverbial português: elementos para uma análise*

semântica e pragmática [Tese de Doutoramento]. Universidade de Coimbra.

Oliveira, F. (1998). Frase Genéricas: Algumas Especificidades do Português. *Seminários de Linguística, 2*, 5-19.

Oliveira, F., & L. F. Cunha (2003). Termos de Espécie e Tipos de Predicados. In F. I. Fonseca, A. M. Brito, I. M. Duarte, & J. Guimarães (Eds.), *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes* (pp. 57-78). Centro de Linguística da Universidade do Porto.

Raposo, E. P., & M. Miguel (2013). Sintagmas Nominais Reduzidos. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 731-732). Fundação Calouste Gulbenkian.

Reinhart, T. (1981). Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence Topics. *Philosophica, 27*, 53-94.

Ritter, E. (1991). Two functional Categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew. In S. Rothstein (Ed.), *Syntax and Semantics, Perspectives on Phrase Structure: Heads and licensing,* (Vol. 25, pp. 37-62). Academic Press.

Stowell, T. (1989). Subjects, specifiers, and X-bar theory. In M. Baltin, & A. Kroch (Eds.), *Alternative Conceptions of Phrase Structure* (pp. 232-262). University of Chicago Press.

Szabolcsi, A. (1987). Functional categories in the noun phrase. In K. Istvan (Ed.), *Approaches to Hungarian* (Vol. 2, pp. 167-190). JATE.